

Cenas de abandono da Capital

Bueiros sem tampa, lixo e buracos foram encontrado num passeio de três horas pela região central de Brasília

Tânia Fusco e Wanderley Pozzembom
Da equipe do Correio

A população sofre, aponta suas dificuldades e reclama. Principalmente dos bueiros sem tampa, dos buracos das ruas, do descaso com o lixo. O Correio foi conferir.

Na terça-feira, dia 19, em três horas percorrendo parte da cidade — Setor Hoteleiro Norte, começo das Asas Norte e Sul, Esplanada dos Ministérios — encontramos seis bueiros sem tampas, grade de galeria pluvial rompida, um gigantesco buraco na pista superior da Rodoviária, uma praça abandonada, lixo na rua.

No fim da Asa Norte, sob a Ponte do Bragueto, nasce e cresce uma favela com migrantes daqui e do resto do Brasil. É o retrato da cidade que cresce mais do que pode.

Os responsáveis — Bueiros, buracos de rua e conservação de praças, e jardins são: da responsabilidade da Companhia de Águas e Esgotos de Brasília (Caesb) e da Novacap.

A Caesb é responsável pelos bueiros das galerias de esgotos e água potável. A Novacap responde pela conservação das ruas, praças, parques e jardins, e também pela conservação dos bueiros das galerias de águas pluviais — de escoamento de chuvas.

Neste ano, segundo a assessoria de imprensa da Novacap, foram gastos R\$ 281.236,34 na conservação das galerias pluviais de Brasília e das cidades do Distrito Federal. O Plano Piloto, sem os lagos Sul e Norte, consumiu R\$ 96.523,22 nessa conservação.

A Caesb, também segundo sua assessoria de imprensa, investe mensalmente R\$ 40 mil na conservação de sua rede de esgotos, onde as tampas estão incluídas.

Bueiros — A rede de água e esgotos de Brasília (Plano Piloto e cidades do

Distrito Federal), segundo a Caesb, tem cerca de 31 mil tampões, que são as tampas de ferro ou concreto para fechar os bueiros.

Esses tampas são de ferro ou de concreto. As de ferro tampam os bueiros das vias públicas. As de concreto são utilizadas nas calçadas, praças e gramados.

As primeiras são muito roubadas. As segundas também têm vida útil curta, porque quebram.

"No Brasil hoje, parece que administrar é arranjar mais imposto para cobrir as despesas com o funcionalismo. Tampa de bueiro não é prioridade" reclama Joana Mara Lima, 49 anos, moradora da 202 Sul.

"É rezar para não aparecer buraco, porque tampar não é o forte dos governos", resmungo Otacílio Sireno, motorista de 58 anos, 19 dos quais vividos em Brasília.

"Antes era assim só nas satélites. Agora democratizou", emenda apontando para o buraco da Rodoviária.

Tampas — A cada mês, garante a Caesb, 50 tampas de concreto são substituídas, há um custo unitário de R\$ 20.

Não há estimativas sobre o custo das tampas de ferro, porque a empresa tem estocadas centenas dessas peças adquiridas em administrações anteriores.

Novacap e Caesb, sempre segundo informações de suas assessorias de imprensa, fazem vistorias periódicas para avaliar o estado das coisas sob sua responsabilidade, das vias públicas aos bueiros, praças e jardins.

Como muita coisa tem escapado dessas vistorias, Caesb e Novacap, pedem ajuda à população na tarefa de identificar o que pede conserto.

Telefones úteis:

Caesb — 195

Novacap — 233-8080,

ramais 123 e 188.



Esplanada

Em frente, o presépio. Ao fundo, o Congresso Nacional. O bueiro aberto, cujos arremedos de tampa são uma tábua podre, cheia de pregos enferrujados, está no gramado central da Esplanada dos Ministérios.

Na terça-feira, dia 19, surpresa, Rodrigo chamou o irmão Tiago para ver o perigo. Os meninos visitavam o presépio, localizado menos de 100 metros depois.

A justificativa da Caesb para que esse bueiro esteja sempre aberto ou protegido apenas com uma tampa de madeira é pouco esclarecedora:

"Ele é usado para escoamento de esgoto nos grandes eventos".

Como grandes eventos podem ser enquadradas procissões, manifestações políticas, espetáculos teatrais e até mesmo a Micarecandanga que levou este ano milhares de pessoas à Esplanada.

Enquanto o Governo do Distrito Federal não tampa o bueiro, alguém pode cair nele e se ferir seriamente.

Vai depender da sorte. Todo cuidado é pouco.

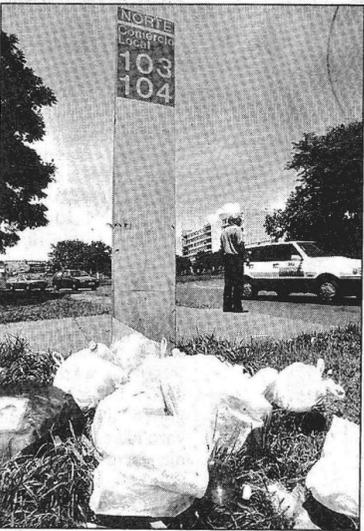


Rodoviária

Tão acostumados estavam com o gigantesco buraco, que os motoristas profissionais até ensinam como se desviar dele. Quase podia engolir um carro. Esteve plantado por mais de 30 dias no coração da cidade — na pista da parte superior da rodoviária, no mais movimentado acesso ao eixo L da Asa Norte. Foi fechado esta semana.

103/104 Norte

O lixeiro passa dia sim, dia não. Sempre à noite. Não há lixeira ou caçamba para guardá-los. No dia em que os garis não passam o lixo, que é despejado diariamente, fica se deteriorando aos pés da placa que identifica a quadra. Enfeia, exala mau cheiro e atrai insetos e ratos.

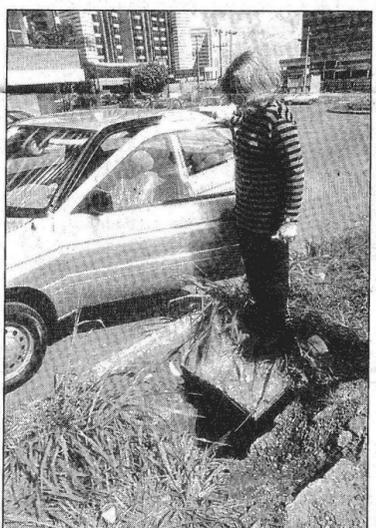
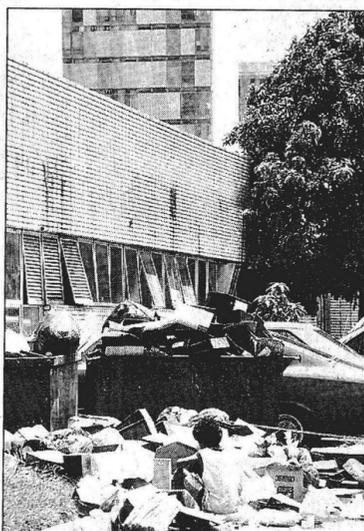


Cine Centro São Francisco

Há várias armadilhas no caminho entre os prédios e o Centro Comercial São Francisco (102 e 103 Sul). Junto à área de lazer, uma grade de concreto (da galeria para escoamento de água da chuva) tem um buraco pronto para engolir uma pessoa. Há menos 10 metros, no caminho entre os prédios de apartamentos e o centro comercial, existem dois bueiros sem tampa.

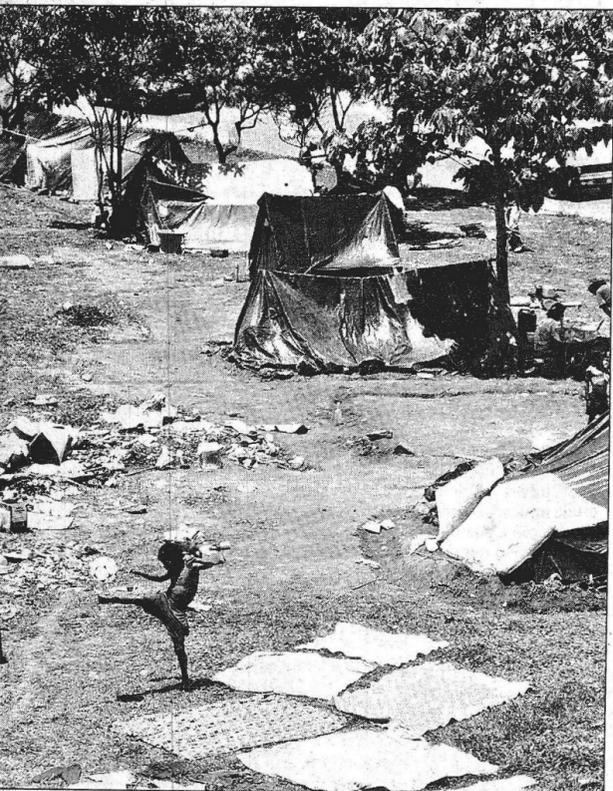
Lixo dos ministérios

O espetáculo é diário. Sempre maior do que a caçamba que deveria abrigá-lo, o lixo dos ministérios transborda pela calçada dos fundos dos prédios. Recolhido à noite, dia sim, dia não, serve de chamariz para moscas, ratos e como brinquedo para crianças de rua.



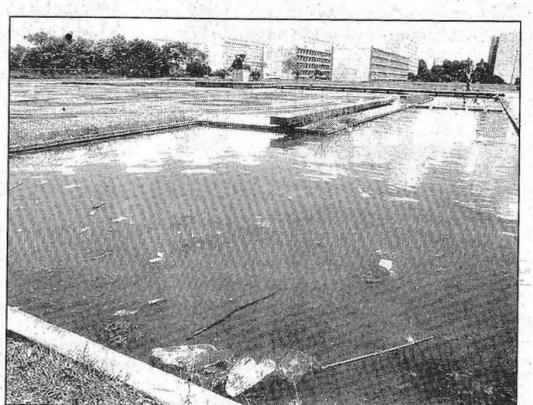
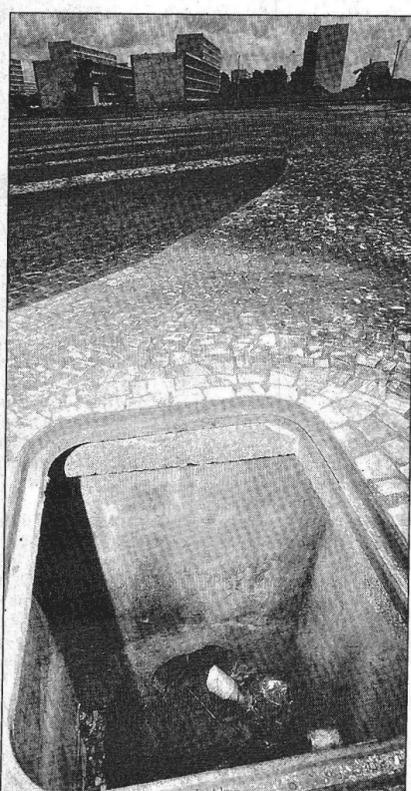
Setor Hoteleiro Norte

Junto ao meio fio, na rua atrás do Hotel Manhattan Flat no Setor Hoteleiro Norte. O bueiro gigantesco, desses que a Companhia de Águas e Esgotos de Brasília (Caesb) chama de PV — para visitas — está sem a tampa de concreto e cercado por mato. O que impede a visão. A exuberância do mato em volta confirma a estimativa dos guardadores: está ali há mais de 60 dias.



Ponte do Bragueto

A cada dia aparece uma nova barraca. Terça-feira eram 12. Os primeiros moradores se instalaram sob a ponte. Os novos se espalham pela vizinhança. Uns são migrantes, vindos da Bahia, da Paraíba, do Piauí. Outros são de Brasília mesmo. Fecham seus barracos das outras cidades do DF e acampam provisoriamente ali, como a desempregada Maria Luzinete da Conceição, 28 anos, mãe solteira de três filhos, que tem barraco em Samambaia. Já são 12 famílias. "Cada dia chega mais gente", conta Osório dos Santos, 35 anos, que há três meses veio de Piribita na Bahia, trazendo mulher e seis filhos. "Já expulsaram a gente daqui. Mas voltamos em menos de duas horas", relata Gerlândia Barbosa, 14 anos, paraibana de Campina Grande, que há cinco meses vive ali com a sogra e o marido, Angelo, de 16 anos.



Praça Portugal

Quem tem mais de 30 anos guarda boa lembrança da Praça Portugal — lugar bucólico, vizinha das embaixadas de Portugal e dos Estados Unidos, e da Esplanada dos Ministérios.

A Praça Portugal um dia foi ponto de encontro de namorados. Hoje está longe disso. Serve de abrigo a mendigos. O monumento aos navegadores portugueses está todo pixado. Parte do espelho d'água é mangue, parte é banheira pública. Dois bueiros sem tampa, estrategicamente situados nas extremidades da praça, arrematam o abandono.